

DEBATE À CONFERÊNCIA - FERNANDO PESSOA E A CONSCIÊNCIA INFELIZ,
DE SÔNIA VIEGAS

Jorge Fernandes da Silveira

Colega, Sônia Maria Viegas Andrade, professora de Filosofia. Eu, professor de literatura, tenho a certeza de que a melhor maneira de Externar o meu respeito e admiração por seu trabalho está no meu cuidado em não fazer uma comunicação paralela à sua. Li inúmeras vezes *Fernando Pessoa e a consciência infeliz*. Saio dessas leituras profundamente enriquecido e espero que o nosso debate, neste *Simpósio sobre Fernando Pessoa*, lhe seja também proveitoso.

Para facilitar o nosso diálogo, sigo as etapas do seu trabalho.

1. Tomo como ponto de partida a justificativa para a escolha de Fernando Pessoa num "paralelo entre o texto poético e o texto filosófico": "imaginemos, agora, uma poesia cuja transfiguração simbólica alcance, não a recriação do mundo, mas a dor do sujeito que se descobre afastado do mundo. Ela expressa poeticamente a condenação da consciência reflexiva de que há pouco falávamos, trata-se da poesia do não, da subjetividade.

Esse é, a nosso ver, o caso de Fernando Pessoa.(...) - p.2.

A partir das suas palavras, procuro algumas hipóteses de reflexão. "Ela expressa poeticamente a condenação da consciência reflexiva", ou, motivado pelo seu raciocínio, pergunto: ela expressa *filosoficamente* a condenação da consciência reflexiva? Ou seja: devido à sua oposição entre o discurso poético ("consciência implícita") e o discurso filosófico ("consciência explícita"), há uma poesia "poética", "que não se diz, mas que se faz presente" - por apontar para fora, por "recriar o vivido" - e, por outro lado, há uma poesia "filosófica", "que se diz e, (...), se faz ausente" - por estar de acordo com os pressupostos do discurso filosófico e, conseqüentemente, apontar para dentro de si mesma? O que (me) pergunto é se há uma "natureza da poesia" da qual a poesia de Pessoa se afasta, por ser um caso solitário de diferença em relação ao que é próprio da "natureza da poesia", e por ser um caso de incomum semelhança em relação ao que é próprio da natureza do discurso filosófico.

Para tornar mais clara a questão, estabeleço as coordenadas do meu pensamento. A partir da "modernidade" do poeta de *Orpheu*, tanto o ato de escrever poesia como o ato de ler poesia questionam as

noções de *traduzir, refletir, fundir, reproduzir, recriar, natureza especular*, numa palavra, o conceito de imitação-persuasão, como sendo o próprio da linguagem poética e da leitura que sobre ela se debruça. O que você denomina "um dos ensinamentos mais preciosos do discurso filosófico" parece-me ser um ensinamento da teoria geral dos discursos, i.e., o *dado* que se articula com um discurso produtor de sentido está inscrito no espaço da cultura, é também linguagem. Por isso, a poesia é um *lugar-entre* circulação de linguagens (poéticas, inclusive) e delas será o simulacro e a diferença.

Creio que a poesia jamais se deixa *traduzir* pela linguagem discursiva (haverá sempre uma dolorosa sensação de carência em toda paráfrase). Creio também na inutilidade do conceito para *traduzir*, seja a vida, seja a alegoria poética. Mas, por outro lado, não creio na inutilidade de uma linguagem inteligente, crítica e vigilante para reescrever no seu espaço específico, i.e., num lugar outro, logo lugar de transformação, a linguagem poética. TRADUÇÃO OU REESCRITA? Lembro-me de textos de alguns poetas portugueses contemporâneos (Carlos de Oliveira e Fiana Pais Brandão, por exemplo). Nesses textos não há apenas a atividade de escrita de um texto, há também uma crítica ao discurso e uma auto-crítica ao próprio ato de ecrever. Assim, o que você caracteriza como processo de devolução, nas duas maneiras da consciência assumir a poesia ("Há duas maneiras de a consciência assumir a poesia: devolvendo-a à vida como uma espécie de suplemento de sensibilidade, de "suplemento de alma"; devolvendo-a a si própria através da consciência do mistério que ela evoca. Esta segunda constitui a nossa alternativa", p.1), e opta pelo "mistério" da segunda, não seria um componente da "consciência explícita" que a poesia adquire da sua especificidade, da sua autonomia?

Isto posto, volto à questão inicial: ao tentar "uma leitura filosófica da obra desse poeta", você parte do que nela não há de condição intencional, "em face da realidade concreta e imediata". É esse "caráter intencional" que fundamenta a poesia? Ou pensar a poesia é pensar a articulação de dois espaços, de duas linguagens? No âmbito restrito do nosso diálogo, parece-me que não há, necessariamente, uma poesia que autorize uma abordagem filosófica em oposição à outra que não autorize tal abordagem.

2. Na exposição do texto de Hegel exacerba-se toda a autoridade da autora da conferência. É diante dessa exposição que deixo claros os limites de um professor de literatura que faz da filosofia uma disciplina auxiliar para a prática de leitura de textos.

Sônia, ao reconhecer a sua autoridade, revelo algumas das minhas inquietações. O que me inquieta não é o fato de haver talvez uma superestimação de Fernando Pessoa como o continente ideal para a prática de uma leitura filosófica, através dos conceitos de *consciência infeliz*, *estoicismo* e *ceticismo*. É absurdo negar que Pessoa traçou a barra, o significante e o significado dum novo signo poético, a ser explorado por diferentes práticos de leitura. O que me inquieta é a apropriação da linguagem de Hegel em detrimento da sua. Hegel é aqui convocado como o doador de sentido ao discurso que repete várias vezes não ter "a menor pretensão de explicitar o texto poético". Detentora de um instrumento específico de leitura, o discurso filosófico, você dele se apropria pela repetição. Quero dizer: "Tentativa de reconhecimento, na poesia de Fernando Pessoa, da consciência infeliz" tem um procedimento muito nítido. Após a exposição do texto de Hegel, pouco há a acrescentar. Bastam apenas rubricas de reconhecimento que reduplicam as idéias do filósofo, por intermédio de versos do poeta. É como se fosse um coro extremamente harmonioso: você fala pela voz de Hegel e, assim, ambos reconhecem na poesia de Pessoa o eco de suas vozes afinadas. Não discuto os exemplos, são de uma extraordinária agudeza, digo mesmo que são pedagogicamente exemplares, pois ensinam-me o que é a "consciência infeliz". Discuto o procedimento. Em algum momento do trabalho deveria vir uma explicação para a presença quase absoluta de Ricardo Reis no reconhecimento do "estoicismo" e do "ceticismo"; para a alternância entre Fernando Pessoa e Álvaro de Campos no reconhecimento da "consciência infeliz". E Alberto Caieiro? Por que está ausente?

Talvez eu antecipe a resposta. Conheço o seu "A experiência do absoluto em Fernando Pessoa" (*Boletim*, nº 1, Centro de Estudos Portugueses UFMG, 1979). Há nele afirmações esclarecedoras como estas: "Em seus heterônimos, encontramos três tentativas de escapar ao problema que ele próprio, em seus poemas, conceptualiza tão nitidamente. Em Álvaro de Campos, a exacerbação da bastardia e da auto-comiseração até o desespero. Em Alberto Caieiro, mascaramento da consciência infeliz na ilusão de comunhão com a natureza. Em Ricardo Reis, a tentativa de eliminar a divisão interior, criando uma praxis existencial tão niilista quanto é vazio de existência o próprio pensamento." (p.38-9). "Às vezes, Fernando Pessoa nos surpreende com o niilismo tranquilo (...). A ideia de abdicação, de passividade estoica, que será a tônica de seu heterônimo Ricardo Reis, é, nele, uma espécie de cansaço. Um recurso poético com que pretende expressar a prisão subjetiva da consciência infeliz" (p.37). Existe a transferência

interessante de um trabalho para outro. No primeiro, do *Boletim*, conceitos como "consciência infeliz", "estoicismo" e "ceticismo" não têm explicação nem referência, mas a poesia de Pessoa é revelada ao leitor por meio de uma leitura admirável. Já nesta comunicação há, por assim dizer, a introdução que faltava no trabalho anterior. Se meu raciocínio for lógico, o que agora é ausência já foi presença e vice-versa.

3. A partir da perplexidade de quem espera considerações finais acerca dos trechos pessoanos escolhidos, e encontra como conclusão a "Tentativa de comparação entre a consciência infeliz em Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade", o meu juízo adquire um certo conforto. Tal comparação não está aqui (segue-se apenas a sua assinatura), mas sim no ensaio do *Boletim*.

Entre os seus dois discursos e entre o nosso diálogo, repito os seus exemplos de Pessoa e Álvaro de Campos: "Tudo é noturno e confuso/no que entre nós aqui há." (F.P.), "Mas não: é este estar entre, / Este quase, / Este pode ser que... / Isto." (A. de C.).

O que a princípio me pareceu falha, pode ser um trabalho engenhoso da consciência da autora. Se a "consciência infeliz" resulta de um doloroso lugar-entre, talvez as suas insistentes afirmações a respeito da inutilidade deste trabalho e da certeza de que a poesia jamais se deixa traduzir pela linguagem discursiva se justifiquem pela consciência de quem se reconhece no intervalo entre duas práticas de leitura que se aproximam e se afastam, naturalmente. Isto não me parece nem pouco nem inútil, pelo menos aproximou-nos, hoje, aqui.